

BS tem suspeitas de variante nova

São dois possíveis casos de contaminação, em Santos e Peruíbe, por cepa de covid-19 oriunda do Reino Unido

TATIANE CALIXTO
DA REDAÇÃO

O Estado tem confirmados 25 casos da variante brasileira do novo coronavírus e outros sete da linhagem britânica da doença. Ainda sobre a cepa originária do Reino Unido, há dois casos suspeitos na Baixada Santista, em Santos e Peruíbe. Eles estão em fase de sequenciamento para confirmação ou não dessa variante.

Especialistas alertam que as variações do vírus exigem mais cuidado da população em relação ao uso de máscara e ao distanciamento social, principalmente porque o ritmo de vacinação ainda é lento.

Segundo a Secretaria de Estado da Saúde, a variante de Manaus (AM) foi confirmada em 12 casos de Araraquara, nove na Capital, três em Jaú e um em Águas de Lindoia. Há, ainda, sete confirmações da linhagem britânica: duas em Sorocaba e cinco na Capital.

Conforme o pesquisador José Eduardo Levi, do Laboratório de Virologia do Instituto de Medicina Tropical da USP (IMT-FMUSP), um caso identificado em Santos e outro em Peruíbe estão sendo sequenciados para confirmar ou não a suspeita.

Levi, que também atua



Mudanças do vírus exigem mais cuidado da população quanto a uso de máscaras e distanciamento social

no laboratório Dasa e esteve envolvido na identificação dos primeiros casos da cepa inglesa, conta que, lá, os casos foram identificados e, agora, eles passam por um sequenciamento genético no IMT. As duas instituições vêm trabalhando na identificação de variantes do novo coronavírus. Nos casos da Baixada, o objetivo é confirmar as mutações características da linhagem britânica.

O pesquisador explica que há inúmeras variações pelo mundo. Porém, três são classificadas como preocupantes: a britânica, a brasileira (também chamada de amazônica) e a sul-africana. “Essas variantes apresentam diversas mutações, a maioria significa apenas a mudança de uma letrelinha entre as cerca de 30 mil do DNA do coronavírus”, observa ele. Porém, no caso das três

citadas por Levi, as mutações alteram de forma importante a estrutura que liga o vírus ao organismo, comumente chamada de espícula. Isso dá a essas três linhagens a principal característica identificada até agora: maior capacidade de transmissão.

Sabe-se também, conforme o pesquisador, que a variante sul-africana induz a uma resposta imunológica que pode representar

maior possibilidade de reinfeção. E, ao que parece, a cepa amazônica comporta-se de forma parecida.

“Ainda não há muitas comprovações sobre letalidade ou agressividade sobre a variante de Manaus. A variante apareceu lá, mas não há um rigor de pesquisa, principalmente em uma localidade onde faltou oxigênio”, pontua o pesquisador. Porém, relatos dão conta de que os mais jovens têm risco de complicações de maior gravidade.

Para Levi, é preciso reforçar os protocolos de higiene e acelerar a vacinação. Mesmo que, a princípio, os primeiros estudos indiquem que as principais vacinas utilizadas no mundo, e em especial as utilizadas no Brasil, possam ter menos eficácia diante dessas variantes, uma imunização em massa teria impacto. “Porque, se você vacina muita gente, fica mais difícil a doença se espalhar.”

Pensando na dificuldade que a variante amazônica pode representar, Levi considera que imunizar todo o Amazonas poderia ser uma estratégia importante. Essa hipótese está sendo estudada pelo Ministério da Saúde, que já sinalizou que vai alterar o esquema de vacinação local.

VELOCIDADE

“Passei por isso (variantes do vírus) com o HIV, algo semelhante com o Zika.

A diferença é que em nenhum destes casos o vírus se espalhou tão rápido. No caso do HIV, tem variantes, mas elas apareceram quando já havia tratamento. Hoje, temos um vírus de transmissão respiratória. Então, é muito mais rápido e difícil de controlar porque todo mundo precisa respirar”

José Eduardo Levi

Pesquisador do Laboratório de Virologia do Instituto de Medicina Tropical da USP

ESFORÇO

“Temos que ter um esforço pela vacinação”, afirma o médico infectologista Sérgio Feijoo Rodriguez, da Santa Casa de Santos. Enquanto o ritmo não é o ideal, o médico reforça a importância de a população usar máscara e evitar aglomerações. Com a possibilidade de a covid-19 se espalhar mais depressa com as novas variantes, Rodriguez explica que, se a vacinação não for acelerada, o sistema de Saúde sentirá impacto.

“Primeiro, nos prontos-socorros; depois, nos leitos de enfermaria e nos de UTI”. Por isso, diz, é muito importante usar máscara e higienizar as mãos. “O grande problema é a fadiga das pessoas (população). Mas a gente tem que manter os cuidados.”